

Refazer-se: ser migrante em tempos de pandemia

*Darci Donizetti da Silva**

1 INTRODUÇÃO

Mudar de um país para o outro, mesmo que em caráter temporário, não é fácil. Exige primeiro deixar para trás tudo o que mais importa à pessoa, como família, cultura, relações de amizade, encontros sociais, religiosos etc. Assim, a pessoa se vê mergulhada em um universo totalmente novo e desconhecido, fazendo com que se sinta, na maioria das vezes, totalmente perdida, isolada, em uma terra estranha. No entanto, por mais complexos que sejam os processos migratórios, tendo em vista o refazer-se diante de uma realidade totalmente nova, a decisão de migrar continua sendo tomada por milhares de pessoas no mundo inteiro. As motivações são as mais diversas e todas exigem uma grande dose de despojamento e coragem, uma vez que os desafios são constantes, e ainda mais intensos quando associados a um quadro de pandemia.

Para desenvolver essa reflexão, tomei como base uma entrevista feita em duas etapas com uma migrante residindo na região de Boston, estado de Massachusetts, nos EUA.

A escolha do indivíduo a ser entrevistado não se pautou pela busca de um perfil específico, mas foi feita de forma aleatória, embora a pessoa entrevistada tenha se revelado, mesmo não sendo esse o objetivo da nossa reflexão, com fortes características de gênero, uma vez que é jovem, mulher, residindo e enfrentando sozinha os desafios fora do seu país de origem.

O referencial teórico utilizado para esse artigo foi tomado da teoria da identidade desenvolvida por Ciampa (1987), dando especial ênfase ao sintagma identidade-metamorfose-emancipação, visando uma reflexão do enfrentamento e superação – ou não – da realidade de crise, potencializada pela pandemia, e seus efeitos sobre a identidade do migrante.

É do nosso conhecimento que os limites presentes na redação de um artigo não nos dão condições de responder de forma ampla a cada uma das proposições citadas no parágrafo anterior, até mesmo pela complexidade do

** Padre diocesano, mestre em Ciências da Religião e doutor em Psicologia Social pela PUC-SP. Trabalhou como missionário junto às comunidades católicas brasileiras nos EUA, na região da Nova Inglaterra, estado de Massachusetts. Atualmente é membro do Núcleo de Estudos em Psicologia Social da PUC-SP (NEPIM).*

momento histórico que estamos vivendo e da extensão do tema; entretanto, com isso também não queremos dizer que não seja possível refletir sobre essa realidade tão intrincada que envolve migração, identidade e pandemia, tendo em vista a importância do tema.

2 IDENTIDADE-METAMORFOSE-EMANCIPAÇÃO

Trabalhar com a noção de identidade não é algo simples devido à complexidade de sua conceitualização, além do fato de que ela tem sido objeto de pesquisa nas mais diversas áreas do conhecimento, tais como a Sociologia, Antropologia, Filosofia, Psicologia Social, Educacional e Clínica, dentre outras. A concepção de Ciampa (1987) sobre identidade como fenômeno está para além do campo meramente biológico, pois protagoniza a natureza social e histórica que produz a hominização do indivíduo.

Ciampa (1987) aponta que a identidade é algo dinâmico e que vai sendo construída ao longo da vida, permeada pelos processos históricos e pelos papéis que o indivíduo vai exercendo, numa interação dialética com o outro no contexto social vivido. Às mudanças sofridas pelo indivíduo, o referido autor nomeia metamorfose, para indicar que elas não estão meramente acontecendo, mas que também desencadeiam outras que acontecerão, sendo essas desencadeadas pelas situações históricas e sociais em que o indivíduo encontra-se inserido. Essa dinamicidade nos revela que o que conhecemos de uma identidade, em um determinado momento histórico, é também uma representação dela, e está sujeita a uma mudança. Assim, a identidade carrega em si a potencialidade de ser também fazedora de história, uma vez que ela é social e política:

Dizer que identidade de uma pessoa é um fenômeno social e não natural é aceitável pela grande maioria dos cientistas sociais (...) Com efeito, se estabelecermos uma distinção entre o objeto de nossa representação e a sua representação, veremos que ambos se apresentam como fenômenos sociais (...) Não podemos isolar de uma lado todo um conjunto de elementos biológicos, psicológicos, sociais etc. que podem caracterizar um indivíduo, identificando-o, e de outro lado a representação desse indivíduo como uma duplicação mental ou simbólica, que expressaria a sua identidade. Isso porque há uma interpenetração desses dois aspectos, de tal forma que a individualidade dada já pressupõe um processo anterior de representação (...) (CIAMPA, 1987, p. 64-65).

Nessa perspectiva, o autor compreende que a identidade é histórica, e encontra-se em uma via de duas mãos, pois não há história humana sem a atuação das personagens, assim como não há personagens fora de uma história.

Segundo Silva (2019 p, 47), Ciampa enxerga que dessa inter-relação entre indivíduo e realidade histórica é que a metamorfose se desencadeia, passando a se constituir numa trajetória de vida, e, conseqüentemente, num processo contínuo de transformação. Isso implica dizer aqui que um olhar atento ao indivíduo e à história nos coloca diante tanto da pessoa, em seu constante processo de mudança e resiliência, quanto dos processos de desigualdade e dos problemas sociais que a envolvem; processos que tanto podem contribuir para a sua emancipação como consubstanciar-se numa situação marginal.

Com sua tese identidade-metamorfose (1987), Ciampa¹ passa a nos oferecer alguns parâmetros teóricos para a análise da identidade, uma vez que o indivíduo nos é apresentado como sujeito transformador e autor da sua própria história, ainda que subordinado a outros processos extrínsecos a si mesmo, e isso já poderia nos parecer suficiente para uma leitura da realidade que envolve migrante-pandemia-identidade.

Em 1999, no Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO), Ciampa propôs a ampliação do conceito identidade-metamorfose para o sintagma identidade-metamorfose-emancipação, nos levando a pensar o indivíduo não somente envolvido em um processo de identidade-metamorfose, mas também diante de possibilidades regulatórias, bem como emancipatórias. Os estudos de identidade, a partir destes conceitos, têm buscado compreender as possibilidades de superação de uma identidade convencional para uma pós-convencional, ou seja, de uma identidade convencionalizada a valores normativos, impostos através dos papéis sociais, para uma identidade crítica da realidade, buscando reinventar o desempenho dos papéis impostos social e historicamente. Cabe destacar que a identidade em emancipação é apenas uma possibilidade e não uma inevitabilidade.

A partir desse sintagma, a identidade passou a ser estudada não somente como metamorfose, mas também em busca de emancipação, podendo essa ser atingida ou não, já que o desenvolvimento de uma identidade pós-convencional nem sempre é apreendido.

Com base nesses apontamentos é que nos propomos a refletir sobre o tema migrante-pandemia-identidade a partir da narrativa de Hortência, realizada em duas etapas – a primeira, ainda nos primeiros meses da pandemia nos EUA, e a segunda após terem se passado dez meses –, visando entrever possíveis metamorfoses no contexto pandêmico.

3 SER MIGRANTE EM TEMPO DE PANDEMIA

Suess (2010) aponta que não só a cultura, mas tudo o que envolve a vida contribui para a formação da identidade do indivíduo, sendo que o migrante é portador de uma identidade marcada, tanto pelo que trouxe consigo, bem como pelas novas experiências que vão sendo agregadas à sua nova trajetória de vida.

Dessa inferência, podemos denotar a importância de se falar de identidade quando falamos de migrantes; de questionar o que muda e o que não muda e como muda na sua identidade; o que facilita ou dificulta essas mudanças em tempo de pandemia.

A primeira entrevista realizada com Hortência², em 02 de junho de 2020, a encontrou no início da pandemia nos EUA, embora esta já viesse contando com um crescimento altíssimo de casos confirmados de Covid-19 e de mortes. Em pesquisa no site www.who.int (World Health Organization), naquele dia haviam sido confirmados 26.116 novos casos e 693 mortes.

Hortência se apresentava apreensiva em relação ao seu futuro por se ver em meio a uma grave crise que a havia pego desprevenida. Iniciou a nossa conversa contando que a pandemia havia levado a um *lockdown* de todos os serviços não essenciais em Boston e arredores, colocando a cidade em polvorosa, com pessoas lotando supermercados, estocando alimentos, água e combustível.

Ela dizia que estava com medo e sem saber o que fazer, e isso porque, naquele mesmo dia, havia recebido uma mensagem de sua patroa notificando que todo o trabalho de *house cleaning* da semana havia sido cancelado, o que significava falta de entrada de recursos financeiros para custear o seu pagamento de aluguel, alimentação e compromissos firmados no Brasil.

Hortência estava com 25 anos e residindo nos EUA há 4. Ela narrou que viveu no Brasil até os 21 anos, quando decidiu ir para os EUA. Na época, ela havia saído de um relacionamento amoroso e não estava feliz com o trabalho que exercia em um supermercado da cidade: “Eu não via nenhuma possibilidade de mudança nem crescimento profissional para mim, foi aí que me decidi a vir pra cá e trabalhar para adquirir alguns bens no Brasil e mudar a minha vida” (Hortência).

Hortência havia começado toda essa trajetória porque se mostrara infeliz com a realidade que estava vivendo. Queria mais do que simplesmente trabalhar em um supermercado e isso exigiu-lhe uma mudança, um novo projeto de vida. Embora ela não se sentisse preparada para isso, o desejo de mudar a direção de sua vida era maior. Essa tomada de decisão, por parte de Hortência, traria, incondicionalmente, uma metamorfose em sua identidade: de cidadã para imigrante.

Hortência narra que estava tudo preparado para a sua viagem, que seria feita na companhia de outros primos, porém, como ela nos relata em suas próprias palavras, “tudo mudou nos 45 minutos do segundo tempo e eu tive que vir sozinha”.

Eu perguntei como ela havia se sentido, deixando o seu país para trás para iniciar uma nova etapa na sua história de vida, ao que ela respondeu prontamente:

Eu sabia que não podia mais voltar atrás e por isso embarquei em um voo para o Panamá. Durante aquele voo eu já me encontrava arrependida da decisão que eu

havia tomado de vir para os EUA, e se eu tivesse alguma escolha, teria voltado do aeroporto mesmo, mas eu já tinha assumido uma dívida com a viagem e tinha que trabalhar para pagá-la. (...) Foi sacrificante pra mim deixar minha família e tudo o que eu tinha na minha cidade. Eu tive uma clara noção de que, embora não fosse exatamente o que eu queria, era o que eu precisava fazer. Hoje, quando me lembro de tudo o que passei – pular o muro na fronteira do México com os Estados Unidos; caminhar pelo deserto sendo guiada pelo coiote, que não estava nem aí se eu estava ficando para trás ou não –, eu vejo o perigo que foi tudo aquilo. O mais impressionante é que eu não tive medo. Eu só pensava uma coisa: ‘Eu tenho que chegar, não posso morrer aqui’ (Hortência).

Nesse primeiro momento, como fruto da sua decisão, Hortência faz memória da sua saída do Brasil. Uma decisão que não era de forma alguma simples, pois a inseria em uma nova realidade totalmente nova, a começar pela superação do obstáculo que a impedia de entrar nos EUA. A personagem por ela utilizada nesse momento é a de uma pessoa corajosa, porém intimamente fragilizada diante da situação de perigo em que ela mesma havia se colocado.

Depois de ter chegado à cidade de Boston, Hortência conta que foi morar com um primo que já residia lá. Esse primo era casado e não demorou muito para que ela comesse a ter dificuldades com a esposa dele. No entanto, não havia como mudar muita coisa, pois ela chegara endividada e, portanto, tinha que se concentrar em trabalhar e pagar essa dívida.

Finalmente, tendo a dívida sido quitada, e já não suportando mais morar com o casal, tomou a decisão de alugar uma casa e morar só. Uma atitude nada convencional adotada por uma mulher, migrante, “menina inocente vinda do Brasil”, sozinha e sem nenhuma segurança.

Neste momento a personagem³ se transforma na “migrante, mulher lutadora”. Assim como quando saiu do Brasil, Hortência se mostra capaz de decisões difíceis. Apesar de ambas as ações terem sido na direção da concretização de seu projeto de futuro, esta última apresenta características emancipadoras na medida que desempenha seu papel social de mulher migrante, diferente do esperado. Com a mudança da casa do primo para uma moradia sozinha, podemos observar uma mulher que deseja autonomia para conduzir seu projeto de vida.

Nesse passo dado por ela, uma grande mudança aconteceu. Agora, separada não só do universo familiar, e se abrindo para uma inserção maior na realidade que a cercava, ela se viu impelida a adotar outras ações, conseqüentemente, se expondo mais, e, também, se arriscando mais. Isso fica mais claro quando conversamos pela segunda vez 10 meses depois, quando vivia nova etapa da pandemia.

Em janeiro de 2021, Hortência apresentava-se mais reflexiva, fazendo uma análise de si mesma e de tudo o que ela já havia passado e ainda estava passando devido à pandemia. Ela mesma se dá conta das inúmeras metamorfoses ocorridas nesse período desde o início da pandemia. Mudanças refletidas na sua trajetória histórica de menina inocente que havia chegado aos EUA em busca de uma vida melhor, para dar lugar à mulher lutadora e independente. Iniciou a sua fala dizendo:

No início da pandemia eu fiquei muito perdida. Sinceramente eu me senti sem rumo. Hoje eu já estou mais calma, mais tranquila; embora ainda tenha medo. Não foi fácil me ver sozinha e com gente morrendo por todo lado. Além disso havia as contas a serem pagas e como o trabalho parou, como é que eu podia pagar o meu aluguel e comprar comida? Naquele dia eu disse pra mim mesma: 'Eu estou sozinha aqui e agora sou eu por mim mesma'. De um lado tinha esse vírus e do outro as contas que eu tinha pra pagar. O dono da casa queria receber o aluguel e eu não tinha como pagar, entre outras coisas. Foi muito pesado lidar com tudo isso, e ainda é (Hortência).

A pandemia começou a trazer uma outra consciência de vida e de projetos de vida para Hortência. Junto aos desafios de autossustentar-se tinha também o medo de adoecer e a plena consciência de sua solidão. Hortência flutuava entre dois mundos – o que ela havia deixado para trás com todas as suas possíveis seguranças, e o mundo em que agora era a migrante que tinha que resolver seus problemas sozinha. É possível até mesmo perceber sua dor e a consciência de alguém que se descobriu vulnerável e que não pode vacilar:

Além disso havia o medo muito grande de ser infectada. Eu tive a sensação de que eu poderia morrer sozinha aqui. No Brasil eu ainda tinha a minha família. Lá é mais fácil, porque é o meu país. É o meu idioma e que eu domino. Aqui não. Basta olhar para o fato de que eu sou mulher, sou migrante e sou sozinha. Como eu já disse: 'até mesmo para ficar hospitalizada para um tratamento é tudo mais difícil'. (...) aqui é um lugar que nos dá muito medo. Aqui a gente não pode se "dar ao luxo" de ficar doente. Eu principalmente. Como eu moro sozinha, eu vivo aqui sozinha, se eu fico doente, eu não tenho ninguém para ficar comigo. Para cuidar de mim. Se eu ficar internada, eu não tenho ninguém para cuidar das despesas da minha casa. Sem até mesmo o mais básico. Se eu precisar de alguém para me ajudar a tomar banho, fica difícil, pois a pessoa não pode perder o dia de serviço dela para cuidar de mim. Então tudo isso tem

que ser levado em consideração. (...) A pandemia veio para nos chamar a atenção em dar valor aos mínimos detalhes. Veio nos ensinar que não temos domínio de nada. Por mais que eu tenha dinheiro, estabilidade, saúde, não temos domínio de nada (Hortência).

A pandemia trouxe toda a insegurança que o fato de a pessoa ser migrante, não documentada e sem um grupo de apoio, possa experimentar.

As situações cotidianas exigem que a personagem “migrante, mulher lutadora” se fortaleça. Embora o trabalho de limpeza das casas tenha retornado, existe uma suspeita alimentada por boatos de que ele pode vir a parar a qualquer momento. O momento vivido por Hortência denuncia as incertezas e inseguranças que a pandemia vai instalando em sua vida e na dos outros migrantes – um futuro sem certezas; uma instabilidade que coloca em suspensão seu projeto de vida.

Graças a Deus o trabalho já voltou bem. Embora a minha patroa esteja sempre com medo, pois falam o tempo todo sobre uma nova parada. Se fechar tudo de novo, teremos que parar novamente de trabalhar. É um tempo muito inseguro. Não tem como planejar; não tem como arriscar, porque a gente não sabe o que vai acontecer. A vida da gente fica meio parada. Quando paramos para pensar, o ano passado todo, em termos de planos materiais, foi descartado. Vivemos reféns do vírus (Hortência).

Hortência revela as dificuldades e a forma como ela e as companheiras são tratadas em seu trabalho. Ao olhar para o encontro entre as diferenças e igualdades que fazem parte da vida do migrante, é possível observar como as relações sociais e de trabalho são construídas nesse universo. A imersão nessa realidade nos permite trazer à tona políticas de identidade que se encontram subjacentes a essas relações, assim como a existência ou não de projetos de vida que possibilitem a superação de realidades opressoras.

Nas casas que limpamos as pessoas continuam com medo. Temos que trabalhar de máscara e luvas o tempo todo, mesmo não havendo ninguém em casa. Em algumas casas os proprietários não nos deixam ter contato com a cama. Algumas casas nós só podemos entrar quando não se encontra nenhuma pessoa lá. A gente sente como as pessoas estão receosas (Hortência).

Como está fora do seu alcance a mudança dessa realidade, Hortência não encontra alternativas de superação, na medida que está em questão sua sobrevivência, bem como o projeto de vida; a única alternativa compreendida é

a submissão aos meios estipulados na esperança de que tudo dê certo. Contudo não deixa de manifestar uma identidade de resistência, porém velada e só revelada no grupo de iguais. Essa realidade acaba por impossibilitar processos de metamorfose na direção da emancipação, pois não enseja a articulação de igualdades e diferenças com a finalidade de superar a realidade que escraviza:

Nós não lidamos muito bem com isso não. Nós sempre falamos com a nossa patroa assim: “Eles são ricos. São eles que viajam. Foram eles que trouxeram o vírus e não nós”. Tem uma baiana arretada que trabalha com a gente que fala: “Nós somos pobres e são eles que têm medo da gente” (aqui eu entendi que ela tomava a frase da amiga como extensão da fala dela. Eles são os ricos que trouxeram a doença. Nós somos os pobres que não saímos daqui para irmos a nenhum lugar. Dessa forma, somos nós que temos de ter medo deles e não eles de nós). Constantemente a nossa patroa nos pede para colocarmos a máscara, pois muitas casas têm câmeras. Nós sempre respondemos: “É claro que nós vamos colocar. Estamos morrendo de medo de sermos infectadas por essa casa” (Hortência).

A realidade migratória em si mesma já é geradora de desafios constantes a serem superados. Quando associada a um contexto de pandemia, torna ainda mais desumana a vida do migrante. Hortência expressa com poucas palavras que ela não está alienada de sua condição de migrante e dos desafios que tem que superar:

Este é um país que se você não trabalha não existe essa de vou ficar em casa. Aqui se você não ganhar o seu dia é prejuízo pra você. Isso porque se você não está trabalhando, se o seu trabalho está parado, o dono da casa que você aluga não quer nem saber. Ele quer receber o aluguel dele. O dinheiro para a alimentação tem que entrar. Aqui não existe aquela questão de passar a nota (compra a prazo com anotação em caderneta) (Hortência).

Dantas, Ueno, Leifert e Suguiura (2010) apontam que a crise é algo inevitável e que ela coloca a identidade em movimento. Nesse contexto, Hortência fala da pandemia e da aprendizagem em decorrência das adversidades. Dando voz à narradora:

Na última conversa nossa, no dia 02 de Junho, eu estava muito atribulada. Eu estava sem trabalhar devido ao ‘lockdown’. Eu aprendi nessa pandemia que tudo tem o valor que a gente dá. Se tem um problema, eu tenho que

ficar focada e resolver. Às vezes a gente até tem que ignorar o problema e esperar aquilo ali passar. Não pode deixar essas coisas mandar na vida da gente não. Na maioria das vezes eu tento resolver tudo o mais rápido. Eu sempre tentei resolver as coisas que me traziam alguma dificuldade. No início desta pandemia eu chegava a ficar até mesmo abatida. Hoje eu lido com as coisas de forma diferente. Busco resolver o mais rápido possível, mas se está fora do meu alcance, eu busco pensar em outras coisas para não ficar sofrendo tanto e espero a dificuldade passar. (...) Em relação aos planos que eu tinha quando eu cheguei aqui, acho que mudei bastante. A gente planeja tantas coisas e no final nós não temos domínio de nada. Eu cheguei a uma conclusão de que tudo tem o seu tempo e não tem como escapar. Temos que viver o bom e o ruim. Cada um no seu próprio tempo. Afinal, tudo é tão passageiro (Hortência).

Hortência substituiu a personagem da “migrante menina inocente” que havia vindo do interior do Brasil pela “migrante mulher lutadora”, em uma nova etapa da sua vida. Em vulnerabilidade ela se reconhece – “tem hora que eu me vejo empurrando as coisas com a barriga”[...] “tem dias que a gente tem que matar não somente um leão pra sobreviver aqui; com essa pandemia a gente tem que matar muitos ao mesmo tempo”. Ela sente o peso da escolha que fez por se tornar uma migrante, mas ao mesmo tempo se orgulha por ser capaz de residir sozinha, cuidar de si e se autossustentar.

Sendo muito honesta, às vezes eu nem vejo o tempo passar. Quando eu olho pra mim hoje, tem hora que eu não consigo me ver como uma pessoa corajosa. No entanto, quando eu olho para trás e vejo tudo o que eu passei, consigo perceber: a situação fez com que a coragem estivesse lá. (...) “As pessoas falam da minha coragem, porém, no meu cansaço, tem dias que eu acho que somente empurro algumas coisas com a barriga”. (...) Eu me vejo como uma mulher batalhadora. Às vezes nos temos que matar alguns leões. Cada dia aqui é diferente. É até difícil da gente falar – aqui é um lugar muito estranho; as pessoas são estranhas. Sinto que as pessoas querem passar você para trás. Não se pode confiar nas pessoas. É muito difícil ter uma amizade aqui que venha realmente a somar. O clima aqui, eu sinto, que na maior parte do tempo é muito pesado. Nessa pandemia a gente não mata só um leão por dia não; tem dias que a gente mata são muitos”. (...) Eu não sabia que eu tinha essa força toda. Quando paro pra pensar, eu tive que ter força já lá desde o início, quando ainda estava me

preparando para vir para cá. Tive que ter força para impor a minha vontade de vir. Força para vir sozinha, pois, como já disse, eu viria com meus primos e, nos 45 minutos do segundo tempo, mudou tudo. Hoje moro sozinha e sou eu mesma quem paga todas as minhas contas (Hortência).

Hortência narra como a condição de migrante ajudou-a a se tornar mais forte:

Quando eu saí (do Brasil) eu era uma menina. Eu estava estancada com tudo. Tudo era novo pra mim. Eu tinha medo de arriscar. Hoje eu estou mais forte; mais decidida naquilo que eu quero. Aqui eu fiquei mais forte e amadureci. (...) Apesar de tudo, hoje eu acho que estou mais forte para lidar com essa vulnerabilidade. Eu vejo que com as coisas que a gente vai passando, a gente vai se tornando uma fortaleza por saber que em tudo a gente tem que acolher, né? (Hortência).

A narradora nos fala o quanto a pandemia a fez colocar os pés no chão e relativizar os seus projetos de vida:

A pandemia veio para nos chamar a atenção em dar valor aos mínimos detalhes. Veio nos ensinar que não temos domínio de nada. Por mais que eu tenha dinheiro, estabilidade, saúde, não temos domínio de nada. (Hortência).

A personagem “migrante mulher lutadora” dá espaço a uma nova personagem no confronto com a vida em tempo de pandemia: a “migrante mulher fortalecida”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegando ao final desta reflexão sobre a identidade do migrante em tempos de pandemia, pudemos perceber como Hortência, ao nos apresentar a história de sua trajetória de migrante e seu projeto de futuro, nos revela como a pandemia tem se mostrado como uma potencializadora de situações de dor, medo e constrangimento.

Sabemos que a situação do migrante já é, por si mesma, desafiadora, pois o indivíduo se encontra imerso em uma realidade que não é naturalmente a sua. Estão presentes os desafios da cultura, da língua, da invisibilidade enquanto grupo étnico, do medo de serem presos e deportados por serem, na maioria, não documentados. São inúmeros os desafios por que passam, pela concretude do local onde se encontram inseridos e também pelos sentimentos mais

diversificados que se associam à distância do seu país de origem, à saudade da família e dos amigos, aos lutos e nascimentos em que não puderam estar presentes, dentre tantas outras coisas.

Em minha tese de doutorado pela PUC-SP, sob a orientação da Dra. Prof. Cecília Pescatore Alves, com o título “Sob o véu da Igreja Católica a serviço dos imigrantes brasileiros nos EUA: Políticas de identidade”, reflito sobre essas realidades e como elas revelam e formam a identidade do migrante nos EUA.

Assim, o migrante já é assolado por muitos desafios com os quais tem que lidar diariamente, e Hortência nos proporcionou identificar, através da sua história de vida, que a pandemia veio potencializar esses desafios já vividos, intensificando as experiências e aprendizagens. Deste modo, pudemos entrever como o seu processo de identidade foi se metamorfoseando, na medida que a pandemia foi trazendo situações de conflito que exigiam decisões imediatas.

NOTAS

¹ A teoria sobre identidade-metamorfose elaborada por Ciampa em sua tese de doutorado e publicada em 1987 pela Editora Brasiliense – **A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de Psicologia Social** – é mais ampla, e estamos nos utilizando apenas de algumas categorias para a reflexão neste artigo, mas sem menosprezar ou ignorar a importância de todas as outras categorias vinculadas a esse binômio.

² Nome fictício dado à entrevistada com a finalidade de proteger o seu anonimato.

³ Na concepção de identidade aqui seguida, a personagem refere-se à manifestação, no empírico, da identidade.

REFERÊNCIAS

CIAMPA, A.C.A. **A estória do Severino e a história da Severina**: um ensaio de Psicologia Social. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

DANTAS, Sylvia, UENO, Laura, LEIFERT, Gabriela & SUGUIURA, Marcos. **Identidade**, migração e suas dimensões psicossociais. **Rev. Inter. Mob. Hum.**, Brasília, Ano XVIII, Nº 34, p. 45-60, jan./jun. 2010.

SILVA, D. D. **Sob o véu da Igreja Católica a serviço dos imigrantes brasileiros nos EUA**: Políticas de identidade. Originalmente apresentado como tese de doutorado em Psicologia Social. São Paulo: PUC-SP, 2019.

HABERMAS, J. **Para a reconstrução do materialismo histórico**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SUESS, Paulo. Migração, identidade, interculturalização – Teses e fragmentos para um discernimento teológico-pastoral. **Rev. Inter. Mob. Hum.**, Brasília, Ano XVIII, Nº 34, p. 169-183, jan./jun. 201

RESUMO

Este artigo aborda a identidade a partir da imersão num contexto de pandemia. Inicialmente, apresenta o referencial teórico tomado da teoria da identidade desenvolvida por Ciampa (1987), com ênfase no sintagma identidade-metamorfose-emancipação. A partir da história de vida narrada por uma migrante, podemos ver como a pandemia é capaz de acelerar as metamorfoses pelas quais passam os indivíduos, transformando a entrevistada, de “migrante menina inocente”, que havia vindo do interior do Brasil, em “migrante mulher fortalecida”.

Palavras-chave: identidade; pandemia; história de vida; metamorfose; migrante

ABSTRACT

This article addresses identity through immersion in a pandemic context. Initially, it presents the theoretical framework taken from the theory of identity developed by Ciampa (1987), with emphasis on the phrase identity-metamorphosis-emancipation. From the life story narrated by a migrant, we can see how the pandemic is able to accelerate the metamorphosis that individuals go through, by turning the “innocent girl migrant” who had come from the interior of Brazil into “empowered woman migrant”.

Keywords: identity; pandemic; life story; metamorphosis; migrant